

A COPA NO CATAR: O ÁPICE DE UM PROJETO DE ESTADO PARA MELHORAR A IMAGEM DO PAÍS

João Pedro Coelho¹

RESUMO: Em 2022, a Copa do Mundo será disputada em um país do Oriente Médio pela primeira vez na história. Mas o fato de o Catar receber o torneio de futebol mais importante do planeta vai além disso. O direito de a nação árabe sediar a competição é o ápice de um ciclo de investimentos realizado pelo governo local com o intuito de exportar uma imagem positiva do país para o exterior e dissociá-lo das denúncias de violação de direitos humanos cometidas pelo Estado Catar.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Catar. Mundial. Autoritarismo. Investimento.

ABSTRACT: In 2022, the FIFA World Cup will take place in a Middle East country for the first time in history. However, Qatar hosting the most important soccer tournament of the planet is more than that. It is the apex of a cycle of investments made by the local government willing to export a positive image of the country abroad and dissociate it from the human rights violations committed by its own government.

KEYWORDS: Soccer. Qatar. World Cup. Authoritarianism. Investment

¹ Bacharelado em jornalismo, Pontifícia Universidade Católica



INTRODUÇÃO

“Algumas pessoas acreditam que o futebol é uma questão de vida ou morte. Eu asseguro que ele é muito mais importante do que isso.” (SHANKLY). Com essa frase, Bill Shankly, lendário técnico do Liverpool, conseguiu dimensionar as proporções que o esporte mais popular do planeta tem fora de campo. Para ele, essa relação é feita de maneira instantânea, afinal, dedicou a vida ao futebol e, em troca, teve sua história imortalizada por uma das maiores e mais apaixonadas torcidas da Europa. Mas, além de refletir a própria experiência, a frase cunhada pelo treinador escocês evidencia a maneira como os torcedores se associam ao futebol e ajuda a explicar o porquê de esse ser o esporte mais popular do planeta.

Mesmo que ele não seja a única modalidade a levar milhares de pessoas a estádios para torcerem por seus respectivos times, a ter tanto dinheiro envolvido que a obrigue a ser operada seguindo uma lógica empresarial para obtenção de sucesso ou que mova cifras milionárias em contratos de TV e publicidade, o futebol é o único que reúne todas essas características de uma só vez e em quase todas as partes do mundo.

É exatamente por ser o jogo mais popular do planeta, que a relação do futebol com a sociedade ultrapassa a esfera exclusivamente desportiva. O historiador Carlos Massari, fundador do *Copa Além da Copa*, *podcast* sobre esporte e política, explica que essa “é uma paixão mundial e, quem tem como controlá-la, pode dominar muitas outras coisas. O futebol move multidões e é exatamente essa a intenção dos grandes líderes políticos”.

Jonathan Wilson, em seu livro "Pirâmide Invertida", conta que o futebol tem algumas origens distintas, com relatos de "jogos que envolviam chutar a bola vindo da Roma, da Grécia, da China, do Caribe e do Japão", mas que o seu berço oficial é a "Grã-Bretanha medieval". Foi apenas no século XIX, porém, que a modalidade parou de ser tachada como "violenta e anárquica", passou a ser bem aceita nas escolas britânicas e "aproximou-se do que hoje é identificado como futebol".² Apesar disso, como conta Wilson, só em 1848 "que o primeiro conjunto de regras

² WILSON, Jonathan. A pirâmide invertida: a história da tática no futebol. Tradução de André Kfourí. 1. ed. Campinas: Editora Grande Área, 2016

foi criado" e apenas em 1863 que "o uso das mãos foi oficialmente proibido e o esporte passou a trilhar um caminho separado do rúgbi". Ainda que tenha sido inventado na segunda metade do século XIX e que já houvesse clubes importantes fundados antes da virada dos anos 1900, foi a partir das primeiras décadas do século XX que o futebol passou a crescer exponencialmente até se tornar um fenômeno mundial.

Ao mesmo tempo em que evoluiu como esporte durante esse período, ele também passou a ver seu uso político aumentar. Mesmo no século XIX, quando tinha proporções muito menores do que passaria a ter no futuro, o futebol já era utilizado para propagar valores. Em *Those Feet*, o jornalista inglês David Winner mostra que o Império Britânico enxergava que seu declínio estava relacionado à "torpeza moral" e passou a promover esportes coletivos para "desencorajar o individualismo exacerbado".³

Mas foi a partir do século XX que essa função propagandista da modalidade passou a ser vista com mais frequência. José Paulo Florenzano, professor do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica e membro do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, fala que "o futebol sempre foi usado como ferramenta política, tanto por parte de governos autoritários quanto por movimentos sociais e frentes de libertação".

Neste ano, seremos testemunha de mais um capítulo dessa utilização do esporte mais popular do planeta para fins políticos: a realização da Copa do Mundo no Catar. Essa não será a primeira vez que uma nação governada por uma ditadura sediará o torneio — Itália e Argentina já receberam o Mundial durante os regimes de Mussolini e da Junta Militar, respectivamente —, mas marca o ápice do investimento no esporte feito pelo país com o objetivo de propagar sua imagem ao redor do mundo.

Diferentemente dos dois governos autoritários utilizados como exemplo no parágrafo anterior ou mesmo da que governou o Brasil entre 1964 e 1985, que utilizaram as conquistas do futebol como mecanismo de obter apoio popular interno, o regime do Catar tem a propaganda externa como foco prioritário. O principal objetivo com a Copa do Mundo e com os gastos do emir na última década

³ WINNER, David. *Those Feet*. 1. Ed. Londres. Harry N. Abrams, 2013.



com o esporte — como a compra do Paris Saint-Germain, por exemplo —, é transformar a imagem do país no exterior: de uma ditadura com denúncia de violação de direitos humanos para uma nação aberta ao turismo e com grande poder de investimento, prática que ficou conhecida como *sportswashing*.⁴



⁴ Traduzindo para o português, o termo *sportswashing* pode ser entendido como lavagem por meio do esporte. Da mesma maneira que foi cunhada a expressão “lavagem de dinheiro” com o significado de fazer com que um rendimento proveniente de meios ilícitos tenha uma aparência lícita, a palavra *sportswashing* foi criada para descrever o ato de um governo ou de um indivíduo com práticas ilegais ou mal vistas pela sociedade utilizar o esporte como meio de suavizar essas ações e passar uma imagem mais agradável para a comunidade internacional.

A MÁQUINA DE DOHA

No dia 2 de dezembro de 2010, o Comitê Executivo da FIFA se reuniu em um centro de convenções em Zurique para definir os países que receberiam as Copas do Mundo de 2018 e 2022. Era a primeira vez que a entidade escolheria, de uma só vez, as sedes de dois Mundiais. Para 2018, competiam Inglaterra, Rússia e as candidaturas conjuntas de Portugal/Espanha e Bélgica/Holanda. Já para o torneio de 2022, os postulantes eram Estados Unidos, Austrália, Coreia do Sul, Japão e Catar.

Antes mesmo de a FIFA divulgar os vencedores, porém, a votação realizada na Suíça já estava envolta em acusações de corrupção. Amos Adamu, da Nigéria, e Reynald Temarii, do Taiti — dois dos 24 integrantes do Comitê Executivo da entidade —, haviam sido afastados em outubro daquele mesmo ano depois de uma reportagem do *Sunday Times* mostrar que eles estavam dispostos a vender os votos para supostos lobistas americanos.

Isso fez com que, em novembro de 2010, o braço suíço da Transparência Internacional pedisse o adiamento da eleição das sedes dos Mundiais de 2018 e 2022 até que fossem feitas investigações a respeito das denúncias de corrupção que rondavam o processo de escolha organizado pela FIFA. Em nota, o órgão afirmou que as insinuações de compras de voto “traziam descrédito às tomadas de decisão da entidade e que uma resolução naquelas circunstâncias servia apenas para provocar mais controvérsias”.⁵

A organização que gere o futebol mundial, que também está sediada na Suíça, ignorou as recomendações da Transparência Internacional e prosseguiu com a votação. A Rússia superou seus rivais europeus e foi escolhida para sediar a Copa



⁵ INTERNATIONAL, Transparency. FIFA should postpone presidential election, embrace transparency, and fully investigate corruption allegations. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/press/20110531-fifa-postpone-presidential-election>. Acesso em 9 de outubro de 2022.

de 2018, no que seria o terceiro Mundial seguido realizado em um país emergente pertencente ao grupo dos BRICS⁶.

Já para o torneio de 2022, o Catar ultrapassou os concorrentes de maneira surpreendente e recebeu o privilégio de ser a casa da competição de futebol mais importante do planeta. Em seu livro *Propina, Política e Futebol*, o jornalista Jamil Chade, que estava presente no evento de Zurique, conta que “o Catar tinha a pior das candidaturas para o Mundial de 2022 e, segundo a avaliação técnica da FIFA, Austrália, Japão, Coreia e Estados Unidos tinham maiores chances do que o pequeno país do Golfo”.⁷

Em seguida, Jamil ainda levanta outros pontos que a maior parte da imprensa esportiva também notaria nos meses que sucederam a escolha. O primeiro deles é o fato de o Catar ser um país sem nenhuma relação com o futebol. A nação do Golfo é composta, em sua maioria, por imigrantes provenientes de outras partes do continente asiático, de modo que apenas 15% da população local é de pessoas nascidas no país⁸. Os outros habitantes são, principalmente, trabalhadores oriundos do Sudeste Asiático, em maioria indianos e filipinos. Por isso, ainda que o governo do país propague de maneira oficial que o futebol seja o esporte mais popular por ali, é o críquete que, na realidade, ocupa esse papel na sociedade catari — uma vez que esse é o desporto preferido da maioria dos imigrantes residentes no país.

O segundo ponto de impasse levantado para a realização de uma Copa do Mundo no Catar é o fato de ele estar localizado em uma região desértica, com temperaturas que podem chegar a até 45°C em julho, mês em que historicamente a competição é disputada. Para contornar esse problema, entretanto, a FIFA decidiu que o torneio de 2022 seria realizado no final do ano, entre 20 de novembro e 18 de dezembro, quando o clima é mais ameno e a temperatura oscila entre 20°C e 25°C.

⁶ BRICS é um agrupamento formado em 2009 por países emergentes que apresentavam alto índice de crescimento econômico naquela época. O grupo é composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. A África do Sul havia recebido a Copa de 2010 e o Brasil sediou o torneio de 2014.

⁷ CHADE, Jamil. *Política, propina e futebol: como o Padrão FIFA ameaça o esporte mais popular do planeta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

⁸ De acordo com dados do *World Population Prospects* e *World Population Review*.

Mas, ao mudar a data do Mundial, a entidade criou uma outra dificuldade, desta vez do ponto de vista de calendário, já que o torneio passaria a ocorrer durante a temporada europeia. Isso obrigou as ligas e os clubes do continente a se ajustarem para liberar os jogadores para as seleções e pausar os campeonatos nacionais durante o período da Copa. Um empecilho que não aconteceria se ela fosse disputada em qualquer uma das outras quatro sedes que concorriam contra o Catar.

Para completar o leque havia ainda outros dois impasses. No país árabe é proibida a venda e consumo de bebidas alcólicas na maior parte dos locais, sendo a sua comercialização restrita a apenas alguns hotéis, que, pelo fato de serem os únicos estabelecimentos autorizados a vender etílicos, praticam preços bem acima do habitual. Em um primeiro momento, isso impediria a FIFA de comercializar bebidas alcoólicas durante os jogos — fosse dentro dos estádios ou nas zonas de integração de torcedores, conhecidas como *Fan Fest* —, um produto característico de eventos como a Copa do Mundo e cuja ausência poderia até mesmo pesar na decisão de alguns turistas viajarem ou não para acompanhar o torneio *in loco*.

O segundo era o fato que, no Catar, manter relações homossexuais é crime e pode ser punido com a pena de morte. Além do caso ser uma violação dos direitos humanos por si só, em um país que deseja se mostrar aberto ao mundo e sediar um torneio como a Copa, a discriminação em relação à orientação sexual das pessoas impede a ida de turistas que viajariam ao país apenas para ver o Mundial — ainda que o governo afirme que qualquer pessoa homossexual seja bem-vinda no país, desde que “não realizem demonstrações públicas de afeto”.

Tudo isso, portanto, evoca o questionamento do motivo por trás de a FIFA escolher o Catar para sediar o torneio mais importante da entidade. E, também, porque o país, que nem tem tamanho físico apropriado para sediar um campeonato desse porte e apresenta tantas desvantagens para receber a competição, decidiu investir tanto para organizar a Copa.

A questão a respeito do porquê a FIFA eleger o Catar como sede é a mesma que explica o motivo de dirigentes da própria organização e de outras confederações regionais e nacionais terem sido presos em série a partir de 2015: suborno. Em 2021, uma reportagem do *The New York Times* revelou as investigações do Departamento



de Justiça dos Estados Unidos a respeito da compra de votos para a escolha das sedes em 2010, mostrando, por exemplo, que os três representantes da América do Sul no comitê — Julio Grondona, Ricardo Teixeira e Nicolás Leoz — receberam dinheiro para escolher o Catar para receber o torneio de 2022.⁹

Isso permitiu que a pequena nação do Golfo Pérsico superasse outras candidaturas mais preparadas para organizar um Mundial. Mas os motivos que fizeram o país gastar bilhões de dólares para sediar a maior competição do planeta vão muito além disso. Oficialmente um emirado constitucional, o Catar utiliza o futebol como uma maneira de veicular sua imagem ao redor do mundo, com o intuito de ser mais bem visto pela comunidade internacional.

Apesar de se apresentar oficialmente como um regime constitucional, o país tem como chefe de Estado um emir¹⁰ que detém o poder do Executivo e do Legislativo, sendo ele próprio o responsável por nomear o primeiro-ministro. Assim como outros países situados no Oriente Médio, como a Arábia Saudita e os Emirados Árabes, por exemplo, o Catar tem um baixo índice no *Democracy Index*, levantamento feito pela revista *The Economist* que mede, em uma escala de 0 a 10, o nível da democracia em cada país do mundo. No relatório de 2021, a nação comandada por Al Thani foi avaliada em 3.65, nota que a coloca no rol dos regimes autoritários.¹¹

Em 2021, foram realizadas as primeiras eleições legislativas do país, mas isso não significou necessariamente um passo em direção à democracia. Apenas os cidadãos maiores de 18 anos e que tiveram pelo menos um avô nascido no Catar estavam aptos a votar. Os candidatos, por sua vez, deveriam ter nascido no país, algo que impede mais de 80% da população a almejar um lugar no Parlamento. Além disso, apesar de haver 45 cadeiras no Legislativo, só 30 lugares eram reservados aos

⁹ DRAPER, Kevin; PANJA, Tariq. U.S. Says FIFA Officials Were Bribed to Award World Cups to Russia and Qatar. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/06/sports/soccer/qatar-and-russia-bribery-world-cup-fifa.html>. Acesso em: 03/05/2022.

¹⁰ Atualmente, o emir do Catar é Tamim bin Hamad Al Thani.

¹¹ DEMOCRACY INDEX. Disponível em: https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2021/?utm_source=economist-daily-chart&utm_medium=anchor&utm_campaign=democracy-index-2020&utm_content=anchor-1 Acesso em: 9 out 2022.

escolhidos por meio da eleição. Os outros 15 eram ocupados por indicados pelo emir.

Como se a centralização do poder nas mãos de um só governante ou a falta de participação popular no processo de votação não fossem suficientes por si só, há ainda denúncias de violação de direitos humanos contra os trabalhadores e imigrantes no país. E muitas dessas irregularidades, inclusive, estão relacionadas às obras para a Copa do Mundo de 2022.

Até 2020, os imigrantes no Catar trabalhavam sob um regime conhecido como Kafala, que os obrigava a serem patrocinados por algum residente — geralmente seus próprios empregadores — para que pudessem receber o visto para atuar no país. Essa prática tornava o contratado dependente de seu patrão e impedia que os trabalhadores mudassem de emprego ou até mesmo de casa sem a anuência prévia do chefe.

Pouco depois da aprovação da lei que punha fim ao sistema, o diretor da Anistia Internacional, Stephen Cockburn disse que aquilo “era algo que a entidade aguardava havia tempo” e que “essas medidas seriam um passo à frente se realmente permitissem que os trabalhadores mudassem de ocupação ou voltassem para casa sem nenhuma restrição”.

A despeito do fim da Kafala, as denúncias de violação de direitos seguiram aparecendo e sendo associadas à preparação para o Mundial. Afinal, mesmo que o regime tivesse acabado com a exploração laboral de maneira instantânea — o que não ocorreu — nos dez anos entre a confirmação do Catar como sede do torneio e a lei que acabava com o sistema, houve bastante tempo para que os trabalhadores empregados nas obras para a Copa tenham sofrido com condições precárias.

Em abril de 2022, por exemplo, uma reportagem realizada pela Anistia Internacional reuniu relatos de 34 funcionários de oito empresas de segurança privada que sofreram com abusos e violações de direitos. Eles relataram terem sido obrigados a trabalhar 12 horas por dia sem folgas, nem mesmo aos sábados e domingos, ainda que a legislação catari obrigue que haja pelo menos um dia de descanso durante a semana. No decorrer do texto, Stephen Cockburn conta que:



“muitos guardas sabiam que seus empregadores estavam infringindo a lei, mas não se sentiam na condição de confrontá-los. Física e emocionalmente exaustos, eles continuavam se apresentando para o trabalho sob ameaças de represálias financeiras ou até mesmo de deportação”.¹²

Além disso, funcionários ouvidos pela entidade contam que houve casos em que foram obrigados a realizar um treinamento extra de oito horas logo após terminarem a jornada diária de 12 horas.

Por sua vez, a *Human Rights Watch*, entidade que monitora violações de direitos humanos ao redor do mundo, fez um trabalho similar ao da Anistia Internacional e recolheu relatos de trabalhadores imigrantes que não tiveram seus salários pagos de maneira correta. Um deles, um encanador queniano cujo nome real foi preservado pela reportagem, recebeu a oferta de trabalhar no Catar com um salário de 1200 riais catarianos, cerca de R\$ 2500,00, mas teve direito a apenas três quartos desse valor. Uma prática que ele percebeu ter acontecido com seus outros 18 compatriotas que se mudaram para o país do Golfo em busca de emprego. Outro queniano ouvido pela matéria contou ter trabalhado 12h por dia como assistente de limpeza durante os meses de julho, agosto e setembro de 2021 sem receber nada por isso.

Uma barista filipina relatou à entidade que o chefe dela a obrigou a assinar um contrato de cinco anos, diferente do que foi acordado em seu país natal.

“Eles nos forçam a trabalhar mais de oito horas por dia e em nossos dias de folga. Se nós recusarmos, eles ameaçam nos mandar de volta às Filipinas sem receber nada. Para depositar os salários, os chefes pegam nossos cartões e vão eles mesmos ao caixa eletrônico com a nossa senha para sacar o dinheiro, mas estão deduzindo 200 riais catarianos todo mês.”¹³

¹² INTERNATIONAL, Amnesty. Qatar: Security guards subjected to forced labour. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2022/04/qatar-security-guards-subjected-to-forced-labour/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

¹³ PAGE, Michael. FIFA Should Listen to Families of Qatar’s Migrant Workers. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2022/05/24/fifa-should-listen-families-qatars-migrant-workers>. Acesso em: 11 maio 2022.

Ainda que nem todas as pessoas ouvidas pela Anistia Internacional e pela *Human Rights Watch* estejam trabalhando diretamente em obras de infraestrutura para a Copa, os relatos desses indivíduos têm relação direta com o contexto em que aqueles empregados nas reformas para o torneio estão inseridos. Em fevereiro de 2021, o jornal inglês *The Guardian* revelou que, desde 2011, 6.500 trabalhadores haviam morrido nas construções de estádios e hotéis para o Mundial, a maioria deles imigrantes vindos de Bangladesh, Índia, Paquistão, Nepal e Sri Lanka.¹⁴

Para a FIFA, porém, isso não parece ser um grande problema. Além de ter escolhido o Catar como sede de sua principal competição a despeito do histórico de violação de direitos humanos por parte do regime ditatorial que governa o país, Gianni Infantino, presidente da entidade máxima do futebol, minimizou a situação vivida no país do Golfo e afirmou que, ao dar emprego àquelas pessoas, mesmo que em condições precárias, a FIFA dá a elas “dignidade e orgulho”.¹⁵

O investimento do Catar no futebol, porém, vai muito além das obras de infraestrutura realizadas no país nos últimos 12 anos. A realização da Copa do Mundo de 2022 no país foi apenas o ápice de um projeto maior, que envolve patrocínio a grandes clubes europeus, construção de academias de futebol ao redor do mundo e, até mesmo, a compra do Paris Saint-Germain. Entender esses fatores é essencial para compreender os objetivos do investimento do emir ao longo da última década.

Desde o início do século XXI, o Catar passou a enxergar o investimento no esporte como algo viável para se mostrar ao mundo. Em 2003, o governo criou centros de excelência espalhados pelo país e em outras áreas do globo, visando captar e atrair eventuais talentos. Mas foi a partir da década de 2010 que o aporte financeiro no futebol tomou rumos maiores. Dinheiro é o que não falta para o governo local. Além de ser produtor de petróleo, o Catar é um dos principais exportadores de gás natural do planeta, o que gera uma enorme capacidade de

¹⁴ GUARDIAN. Revealed: 6,500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-fifa-world-cup-2022>. Acesso em: 13 maio 2022.

¹⁵ WORDEN, Minky. No ‘Dignity and Pride’ in World Cup Labor Abuses. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2022/05/03/no-dignity-and-pride-world-cup-labor-abuses>. Acesso em: 14 maio 2022



investimento para o Estado — ainda mais levando em conta o contexto político local, em que o poder é centralizado nas mãos do emir.

Foi por meio dessas receitas, portanto, que o governo passou a aplicar dinheiro no futebol, fazendo com que o Catar passasse de um país sem nenhuma relevância para o mundo do esporte para estar presente nas ligas nacionais e continentais na Europa e sediar o torneio mais importante do planeta.

Em maio de 2011, pouco depois de ser escolhido para receber a Copa do Mundo de 2022, o país comprou o Paris Saint-Germain (PSG) por meio da *Qatar Sports Investment* (QSI), subsidiária do fundo estatal de investimento *Qatar Investment Authority* (QIA). Na época, o grupo pagou 50 milhões de euros¹⁶ por 70% das ações do clube, que — embora tivesse contado com grandes jogadores em décadas anteriores, como Raí, George Weah e Ronaldinho Gaúcho — não era nem próximo do que viria a ser com o aporte bilionário da nação do Golfo.

O PSG terminou o Campeonato Francês na temporada 2010/11 em quarto lugar, dezesseis pontos atrás do campeão Lille. Em sua história, a equipe parisiense havia conquistado o torneio nacional apenas duas vezes, em 1986 e 1994, e tinha como principais façanhas continentais uma semifinal de Liga dos Campeões em 1995 e um título da Recopa Europeia em 1996.

Entre 2011 e 2022, porém, a equipe francesa levantou oito troféus da Ligue 1 e igualou-se ao Saint-Etienne como o maior campeão nacional, com 10 títulos. Embora não tenha atingido seu objetivo principal de conquistar a Liga dos Campeões, foi finalista da competição em 2020, perdendo a decisão para o Bayern de Munique. Mais do que apenas os títulos, o PSG se consolidou com sobras como o principal time da França e passou a ter um comportamento feroz no mercado de transferências.

Por conta do aporte que, em 2020, superou a barreira do bilhão de euros, o clube pôde realizar movimentos ousados nas janelas, como, por exemplo, comprar Kylian Mbappé junto ao Monaco por 180 milhões de euros e tirar Neymar do Barcelona pela cifra recorde de 222 milhões de euros. Além das duas estrelas internacionais, o dinheiro da QSI permitiu ao PSG trazer outros grandes jogadores

¹⁶ 114 milhões de reais na conversão de 2011.

em suas respectivas posições e tem Thiago Silva, Zlatan Ibrahimovic, Edinson Cavani, Gianluigi Donnarumma, Ángel Di Maria e Lionel Messi no rol de atletas que vestiram sua camisa nestes últimos 11 anos.

Tanto o projeto de expansão do clube francês quanto a ideia de sediar o Mundial de 2022 seguem a mesma lógica: exportar uma imagem benéfica do país ao mundo. “A propaganda do Catar está diretamente ligada ao sportswashing. É para vender uma ideia de um país suntuoso, de um destino turístico”, analisa Carlos Massari, historiador e criador do Copa Além da Copa.

O historiador ainda alerta para o fato de que, no Brasil, a maioria da população enxerga o Catar exatamente da forma como o governo quer que seu país seja retratado, o que mostra como, de certa forma, a propaganda oficial teve efeito. “Era um país que ninguém conhecia nos anos 2000. Hoje não, as pessoas sabem que o Catar existe, mas poucas realmente sabem o que ocorre no país e têm informações sobre as denúncias de violação de direitos humanos.”

Isso não quer dizer, porém, que não existam protestos contra a realização do Mundial na nação do Golfo. Houve, inclusive, iniciativas de jogadores de seleções classificadas para a disputa do torneio que se posicionaram contra a sua disputa. Harry Kane, por exemplo, capitão da Inglaterra, movimentou-se para unir todos os capitães das equipes que irão jogar a Copa com o objetivo de que eles, como um grupo, repreendessem as violações de direitos humanos que ocorrem no Catar.

Outros atletas seguiram o exemplo de Kane e manifestaram-se em solidariedade aos imigrantes explorados no país árabe. Em março de 2021, antes de uma partida contra a Islândia, válida pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, os jogadores da seleção da Alemanha entraram em campo usando camisas em que se lia “*Human Rights*”, tradução em inglês para “Direitos Humanos”. Dois dias antes do protesto realizado pelo time alemão, a equipe da Noruega havia feito um movimento semelhante, pisando no gramado com camisas com os dizeres “Direitos Humanos dentro e fora dos gramados”.

Essas reclamações públicas, embora importantes de serem feitas, não se transformaram em um boicote ao evento, como especulou-se nos anos anteriores ao torneio. Um ano antes do pontapé inicial da Copa, a Real Associação Neerlandesa



de Futebol (KNVB) anunciou em nota oficial que se reuniu com a FIFA e com entidades pelos direitos humanos para discutir um boicote à competição, mas que decidiu não realizar esse ato de repúdio por entender que esse não era o desejo das próprias associações que combatem as violações no Catar e que a entidade máxima do futebol havia se comprometido a levar essas questões em consideração na escolha das próximas sedes.

A federação da Holanda pode não ter parecido enérgica o suficiente, mas ela foi uma das poucas a se posicionar abertamente contra a realização da Copa do Mundo no Catar. Ao lado dela, a Associação Dinamarquesa de Futebol decidiu realizar o mínimo possível de viagens ao país do Golfo e evitar ao máximo a participação em atividades comerciais na nação do Oriente Médio.

Apesar desses movimentos — ainda que tímidos — de mostrar ao mundo do futebol que a realização de seu evento mais importante em um país como o Catar é, no mínimo, problemática, a Copa do Mundo no país não correu o risco real de não acontecer. Assim como em outras oportunidades, a existência de um governo autoritário e as denúncias de violações de direitos humanos evidenciadas no decorrer dos anos não impediram que um país realizasse eventos esportivos e, de certa forma, tirasse proveito deles.

É importante ressaltar que isso não é uma novidade quando se trata de Mundiais organizados pela FIFA. Na Copa realizada na Itália, em 1934, e na Argentina, em 1978, o torneio também foi utilizado pelas respectivas ditaduras como forma de angariar apoio interno — e no país sul-americano, em menor medida, tentar se contrapor às denúncias de assassinatos e torturas realizadas pela Junta Militar veiculados na imprensa internacional. Esses exemplos históricos evidenciam a relação próxima da modalidade com a política e contextualizam de que modo o esporte pode ser usado por diferentes regimes autoritários, sejam eles de esquerda ou de direita.

Nos dias de hoje, porém, essa prática foi alterada. José Paulo Florenzano, antropólogo e professor da PUC-SP, fala que, comparado ao passado, o futebol deixou de ter a mesma relevância dentro da sociedade brasileira. “Houve um descentramento do futebol na cultura brasileira. Ele ainda é importante, mas a

derrota e a vitória não têm mais o impacto de antes. Não é mais uma ferramenta tão importante assim no jogo político.”

No âmbito internacional, Florenzano conta que “há uma indústria do entretenimento que fez com que a concorrência aumentasse e o futebol não reinasse mais de maneira soberana”. “Ele ainda é o esporte mais popular do mundo, ainda ocupa um lugar importante em vários locais, mas a maneira como a sociedade se relaciona com o futebol tem mudado. O aspecto econômico agora tem um peso muito maior do que os outros significados que o futebol historicamente teve.”

Por conta dessa alteração do papel do futebol, seu próprio uso como ferramenta política foi alterado. Com o esporte transformado em negócio, é natural que sua relação com o poder também seja direcionada para esse caminho e, por isso, a forma com a qual o *sportswashing* moderno é feito é um pouco distinta daquela praticada pelos governos autoritários do passado e que foram citados ao longo do livro.

No século XXI, o exemplo mais recente é o uso do esporte por ditaduras do Oriente Médio como forma de propaganda. O caso não é restrito ao Catar, país que é abordado neste livro por ser aquele que chegou mais longe em sua empreitada ao conseguir ser escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2022. Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita, por exemplo, também seguem os passos de seu vizinho, compraram times de futebol — Manchester City e Newcastle, respectivamente — e obtiveram o direito de receber corridas da Fórmula 1.

O foco de governos como o do Catar não está mais direcionado a uma obtenção de apoio interno ou a um bom desempenho esportivo. No lugar dessa lógica — que pode ser observada nos exemplos históricos apresentados neste livro — o futebol é utilizado como forma de esses governos maquiarem as denúncias de violações de direitos humanos de que são acusados e veicular ao exterior a imagem de que são motores de investimento

De acordo com esse pensamento, apesar de esses países não terem muito a oferecer no âmbito desportivo, eles têm bastante a acrescentar do ponto de vista financeiro. Com o dinheiro empenhado na aquisição de times em países europeus, como a Inglaterra ou a França, ou na organização de megaeventos como a Copa do



Mundo, as ditaduras compraram seu espaço no futebol e conseguiram uma forma mais moderna de utilizá-lo como arma de propaganda.

A compra do PSG pelo governo do Catar e o fato de o país ter sido escolhido para sediar o torneio de futebol mais importante do planeta são os capítulos mais recentes de uma prática observada ao longo do século passado e que foi adequada para o contexto atual. O que mostra que, ainda que os objetivos de cada ditadura e o espaço do futebol dentro da sociedade tenham mudado, esse esporte segue sendo uma poderosa ferramenta política

Referências Bibliográficas

CHADE, Jamil. Política, propina e futebol: como o Padrão FIFA ameaça o esporte mais popular do planeta. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DRAPER, Kevin; PANJA, Tariq. U.S. Says FIFA Officials Were Bribed to Award World Cups to Russia and Qatar. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/06/sports/soccer/qatar-and-russia-bribery-world-cup-fifa.html>. Acesso em: 03/05/2022.

GE, Redação. Pessoas que atuam como seguranças no Catar são obrigados a trabalhos forçados, diz Anistia Internacional. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/04/07/pessoas-que-atuam-como-segurancas-no-catar-sao-obrigados-a-trabalhos-forcados-diz-anistia-internacional.ghtml?utm_source=push&utm_medium=app&utm_campaign=pushg e. Acesso em: 06 maio 2022.

GUARDIAN. Revealed: 6,500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-fifa-world-cup-2022>. Acesso em: 13 maio 2022.

INTERNATIONAL, Amnesty. Qatar finally joins two key human rights treaties – but what does it really mean for migrant workers? Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2018/06/qatar-finally-joins-two-key-human-rights-treaties-but-what-does-it-really-mean-for-migrant-workers/>. Acesso em: 04 maio 2022.

INTERNATIONAL, Amnesty. Qatar: Security guards subjected to forced labour. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2022/04/qatar-security-guards-subjected-to-forced-labour/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

INTERNACIONAL, Transparency. FIFA should postpone presidential election, embrace transparency, and fully investigate corruption allegations. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/press/20110531-fifa-postpone-presidential-election>. Acesso em 9 de outubro de 2022.



LISI, Clemente Angelo. A history of the World Cup: 1930 - 2006. 1. ed. Lanham: Scarecrow Press, 2007.

LONGMAN, Jeré. Calls Grow for FIFA to Delay World Cup Vote. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/12/01/sports/soccer/01iht-FIFA.html>. Acesso em: 01 maio 2022.

MARGOT, Olivier et al. La Coupe du Monde: 1930 - 1970. 1. ed. Issy-les-Moulinaux: L'Équipe, 1997.

MOORES, Ezequiel Fernández. Argentina 78, el fútbol como coartada de la dictadura. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2018/06/12/espanol/america-latina/argentina-78-mundial-rusia-fifa.html>. Acesso em: 24 abr. 2022

PAGE, Michael. FIFA Should Listen to Families of Qatar's Migrant Workers. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2022/05/24/fifa-should-listen-families-qatars-migrant-workers>. Acesso em: 11 maio 2022.

WILSON, Jonathan. A pirâmide invertida: a história da tática no futebol. Tradução de André Kfourri. 1. ed. Campinas: Editora Grande Área, 2016

WINNER, David. Those Feet. 1. ed. Londres. Harry N. Abrams, 2013.

WORDEN, Minky. No 'Dignity and Pride' in World Cup Labor Abuses. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2022/05/03/no-dignity-and-pride-world-cup-labor-abuses>. Acesso em: 14 maio 2022

Recebido em 10/10/2022

Aprovado em 19/10/2022



2022, v. 3, n. 2